

**DOCENTES E INSTITUIÇÃO EM PARCERIA:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR
DO COLÉGIO PEDRO II**

Marcello Miranda Ferreira Spolidoro

Colégio Pedro II/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro
spolidoro@cp2.g12.br

Rosana Glat

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
rosanaglat@gmail.com

Resumo

O estudo analisou parte da produção científica do Colégio Pedro II sobre inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais específicas. Foram selecionados trabalhos apresentados na Jornada Pedagógica de Ensino de Ciências e Biologia entre os anos de 2015 e 2018, e outros eventos realizados na instituição ligados ao NAPNE, Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas. Os trabalhos e eventos foram identificados, tabelados e analisados, relacionando-os com temas relevantes da Educação Inclusiva, de modo a entender como o Colégio Pedro II e seu corpo docente atuam nesta perspectiva. Foram identificados cinco temas: formação de professores; avaliação e práticas diferenciadas, individualização do ensino, inclusão no mundo do trabalho e habilidades sociais. Os resultados indicam que existe parceria entre a gestão do Colégio e os professores, e mostram que, embora a maior parte dos trabalhos foque somente em um tema específico, eles detêm o potencial de atingir, de forma indireta, outras temáticas igualmente relevantes.

Palavras-chave: Inclusão escolar; Alunos com necessidades educacionais específicas; Colégio Pedro II; NAPNE.

TEACHERS AND PARTNER INSTITUTIONS: AN ANALYSIS OF SCIENTIFIC PRODUCTION ON SCHOOL INCLUSION AT COLÉGIO PEDRO II

Abstract

The study analyzed part of the scientific production of Colégio Pedro II on school inclusion of students with specific educational needs. Works presented at the Pedagogical Journey of Science and Biology Teaching between 2015 and 2018, and other events held at the institution linked to NAPNE, Nucleus for Assistance to People with Specific Needs, were selected. The works and events were identified, tabulated and analyzed, relating them to relevant themes of Inclusive Education, in order to understand how Colégio Pedro II and its faculty work in this perspective. Five themes were identified: teacher training; differentiated assessment and practices, individualization of teaching, inclusion in the world of work and social skills. The results indicate that there is a partnership between the management of the College and the teachers, and show that, although most of the works focus only on a specific theme, they have the potential to indirectly reach other equally relevant themes.

Keywords: School inclusion; Students with specific educational needs; Colégio Pedro II; NAPNE.

Introdução

O Colégio Pedro II se denomina uma escola inclusiva por receber, cada vez mais, estudantes com deficiências e outras necessidades educacionais específicas (NEE). Entre esses incluem-se alunos do Instituto Benjamin Constant no Ensino Médio, além dos que ingressam através do sistema regular ou de cotas (COLÉGIO PEDRO II, 2017).

Essa recepção de estudantes com NEE gera, inevitavelmente, uma demanda por práticas pedagógicas diferenciadas, que, para muitos docentes, não são de simples execução. Os motivos envolvem desde a falta de conhecimentos aprofundados sobre características de cada estudante até que tipos de suporte a instituição pode oferecer para auxiliar o trabalho dos professores e professoras.

O Projeto Político Pedagógico Institucional-PPPI (COLÉGIO PEDRO II, 2017) reforça, ainda, que não basta acolher discentes que apresentem NEE; é preciso mais do que nunca, promover espaços pedagógicos que contribuam para o desenvolvimento das potencialidades destes estudantes. Para atender esta demanda foi criado, em 2012, o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), com professores especialistas, que tem como objetivo estabelecer, entre outras ações, parceria com os professores regentes das disciplinas curriculares.

Anualmente, os diferentes departamentos, responsáveis por cada disciplina, organizam eventos pedagógicos no colégio, divulgando projetos e trabalhos realizados por professores, estudantes e servidores não-docentes. São ótimas oportunidades para que a comunidade escolar acompanhe práticas relacionadas com diversas áreas da educação, incluindo a Educação Especial. Como não seria possível analisar todos esses eventos, sendo o primeiro autor integrante do Departamento de Biologia e Ciências, optamos, levando em conta a familiarização com os conteúdos, nos debruçar também sobre a produção referente à Educação Inclusiva oriunda de um evento interno específico, que ocorre desde 2014, denominado *Jornada Pedagógica de Ensino de Ciências e Biologia*.

Considerando os pontos apresentados, o presente trabalho busca investigar, a partir de um viés qualitativo, a contribuição das práticas e eventos pedagógicos realizadas pelo Colégio Pedro II, à luz da proposta de Educação Inclusiva, divulgando as ações da comunidade escolar e seu olhar diversificado para um corpo discente tão heterogêneo. Espera-se, com isso, promover reflexões sobre essas práticas e ampliar o debate da inclusão educacional.

Método

A presente pesquisa ocorreu em 2020 e utilizou como parâmetro para investigação das práticas e eventos pedagógicos sobre Educação Inclusiva realizados pelo Colégio Pedro II, duas fontes institucionais de divulgação: matérias produzidas pela Assessoria de Comunicação no site do colégio e e-books publicados pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGEPEC) referentes à *Jornada Pedagógica de Ensino de Ciências e Biologia*. Para encontrar as matérias específicas da Educação Especial, foi usada a seção “busca” do site, e digitada a palavra

“NAPNE”, já que as matérias contendo práticas inclusivas indicam, invariavelmente, a presença de profissionais e estudantes ligados a esse núcleo. No caso dos e-books, estavam disponíveis os dos anos 2015, 2016, 2017 e 2018. Em cada e-book, foi consultada a seção de Educação Especial e identificados os trabalhos publicados.

Descrição das Atividades

A busca pela palavra NAPNE gerou resultados englobando uma série de atividades realizadas em 2018 e 2019 em diversos *campi* do Colégio. Muitas delas eram direcionadas ao público interno, outras abertas também à comunidade externa. O quadro a seguir mostra o título do evento e sua respectiva descrição.

Quadro 1: Eventos realizados no colégio e suas descrições

EVENTO	DESCRIÇÃO RESUMIDA
1. Atividade Pedagógica 'No Lugar do Outro'	Proporcionar aos alunos e alunas experiências que os vinculassem às necessidades específicas, tais como a cegueira, a dislexia, entre outras. Foram oferecidas duas oficinas “Viajando no mundo da dislexia e do TDAH” (aplicação de testes de atenção) e “Movimentando-se no espaço” (uso de vendas, bengalas e cadeiras de rodas), que simulava a situação de cegos e cadeirantes.
2. Jornada Científica: Teoria do Apego e Transtornos de Personalidade.	Série de palestras a respeito do tema. Destinado ao público interno e externo.
3. Curso de Pós-Graduação em Ensino de Português para Surdos	Ensino da Língua Portuguesa escrita para estudantes surdos, em parceria com a UFRJ.
4. Mesa Redonda sobre Saúde Mental de crianças e adolescentes	Destinado aos servidores (docentes ou não), o objetivo foi refletir sobre a saúde emocional dos estudantes e como lidar com essa questão.
5. Cine NAPNE: discussão da surdez com alunos da educação infantil	Apresentação de filmes como “João e Maria” em libras, elaborado pelo INES, com a intenção de ouvir as percepções das crianças, como elas faziam para se comunicar e o que conheciam sobre surdez.
6. Projetos de Iniciação Científica	Dentre os muitos projetos elaborados por docentes, alguns tratam de temas inclusivos e contam com a participação de alunos do Ensino Médio: Introdução do estudante surdo no laboratório de Biociência; Melhorias no leitor de tela Liane TTS e Robótica Educativa.
7. Projeto MP Inclusivo	Tem o objetivo de mudar a realidade da empregabilidade de estagiários não forenses com deficiência, de Ensino Médio e Superior, no âmbito do Ministério Público (MP) do Rio de Janeiro. Participaram sete estagiários do Colégio Pedro II.
8. Palestra realizada pelo Instituto Benjamin Constant para coordenadores dos NAPNEs	Professora do Instituto Benjamin Constant (IBC) fala sobre os “Aspectos Funcionais da Baixa Visão na Escola”.
9. Festival de Matemática . Jornada de Química	Eventos com palestras, debates sobre práticas pedagógicas, jogos, oficinas e rodas de conversa,

	que apresentaram materiais adaptados para alunos com NEE.
10. Visita à Ilha de Paquetá	Saída de campo com os alunos do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) em que todos os estudantes que frequentam o NAPNE participaram.
11. Ampliação do contrato de estagiários para a área administrativa	Contratação de universitários para atuação em diversas áreas do colégio, incluindo apoio aos serviços administrativos do NAPNE.
12. Curso de extensão de LIBRAS	Capacitar o público externo ou interno para a comunicação com os surdos através da LIBRAS.
13. Oficina de LIBRAS	Ministrado por tradutores e intérpretes de LIBRAS, se direciona aos estudantes, servidores docentes e não docentes e também terceirizados, e tem o objetivo de contribuir para um ambiente institucional mais inclusivo.
14. Encontros para falar sobre juventude e Saúde Mental	Parte do projeto “Conversa Fiada”, a ação, organizada pelo NAPNE, objetiva aproximar o grupo e promover conversas a partir do interesse das pessoas, trazendo questões sobre a violência estrutural, medo, ansiedade, depressão e suicídio.
15. Mães falam sobre a maternidade de filhos com necessidades específicas	Em homenagem ao Dia das Mães, foram ouvidos os relatos de quatro mães, servidoras do Colégio Pedro II, que possuem filhos com necessidades específicas.

Fonte: Disponível em <https://cp2.g12.br/>

A análise dos e-books da Jornada de Biologia entre 2015 e 2018 apresentou uma série de trabalhos referentes a Educação Especial e Inclusiva. O quadro a seguir mostra o título do trabalho publicado e os trechos-resumo do que foi trabalhado.

Quadro 2: Trabalhos sobre educação especial das Jornadas de Biologia

TÍTULO DO TRABALHO	PROPOSTA
16. Oficina Célula <i>In Foco</i>	“...a oficina consistiu na fabricação de modelos celulares vegetal e animal utilizando como material um bolo e diversos confeitos e uma avaliação em forma de questionário.”
17. Avaliação da intervenção de uma professora de Biologia no NAPNE do Ensino Médio	“O trabalho consistia na oferta de aulas de apoio de Biologia e na adaptação de materiais didáticos para alunos com deficiência visual e síndrome de Asperger.”
18. Uso do Monet para a elaboração de esquemas biológicos para alunos com cegueira: um tutorial para o professor	“...elaboração de um tutorial para a divulgação e capacitação de professores que usam a arte gráfica na sua prática de ensino. O principal objetivo deste tutorial é auxiliar professores na criação de esquemas relacionados aos conceitos biológicos para ensinar alunos com cegueira na sala de aula.”
19. Produção e avaliação de recursos didáticos em áudio sobre tópicos em biologia para alunos com deficiência visual	“...produção de arquivos de áudio sobre tópicos em Biologia. (...) Durante este processo, deve-se refletir sobre a transposição didática do saber a ser ensinado, escolhendo adequadamente a linguagem e as analogias que facilitarão o entendimento do aluno.”

20. Material didático adaptado para deficientes visuais: uma estratégia pedagógica para o ensino dos microrganismos	“...o objetivo do presente trabalho foi a construção de modelos didáticos de alguns microrganismos (vírus, bactérias, protozoários e algas unicelulares) e de uma aula prática para alunos deficientes visuais. O trabalho foi realizado pela professora, pelo técnico de laboratório e pelos alunos de Iniciação Científica Júnior do Colégio Pedro II.”
21. Produção e divulgação audiovisual de atividades experimentais relativas ao conteúdo de Ciências e Biologia como ferramenta pedagógica de promoção à alfabetização científica e inclusão dos estudantes com deficiência auditiva	“...o objetivo deste projeto consiste em contribuir para a promoção de uma Educação Científica Inclusiva no âmbito dos Cursos de Ciências e Biologia, por meio da criação de um banco de experimentos nas modalidades descritivas, com roteiros próprios, e no formato de vídeo-aulas (com legenda e/ou tradução em LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais), relativo aos conteúdos do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.”
22. Pensando com as mãos	“...desenvolvemos em conjunto com alunos do Colégio Pedro II <i>Campus</i> Tijuca II, de uma atividade cooperativa, que privilegia o sentido do tato a partir de explicações de conceitos inicialmente inacessíveis por este sentido. À medida que a explicação acerca de um conceito/objeto é apresentada por uma pessoa A, o modelo é simultaneamente construído em massa de modelar por uma pessoa B.”
23. Aprendendo conceitos genéticos em turma com aluno cego	“Este trabalho teve como foco a investigação da aprendizagem de conceitos básicos de genética mendeliana com o uso do recurso educacional inclusivo " <i>Kit - Aprendendo genética em prática inclusiva</i> ", em turma mista do 3º ano do CSCIII/CPII composta de 29 alunos (dos quais um cego congênito).”
24. Avaliação e inclusão: desafios para adaptação de uma prova do 8º ano do Ensino Fundamental	“Neste relato de caso, foi realizada a adaptação de provas específicas para um discente com este perfil, com idade de 20 anos e cursando o 8º ano do Ensino Fundamental. As adaptações ocorreram nas certificações de cada trimestre, objetivando potencializar o resultado do estudante.”
25. Desafios e superações na educação especial: ferramentas para o ensino de ciências	“Tem como objetivo apresentar as ferramentas desenvolvidas, a fim de agregar conhecimento sobre o assunto e otimizar o tempo de outros profissionais com casos similares. As especificidades apresentadas pelos alunos são: autismo em grau moderado, deficiência intelectual e deficiência visual.”
26. Desenvolvimento e aplicação de um jogo didático de cálculo químico no ensino de alunos com dificuldade de aprendizagem	“...com o objetivo de auxiliar no processo de inclusão no sistema de Ensino Básico do Estado do Rio de Janeiro, produzindo metodologias alternativas de ensino destinadas a alunos portadores de necessidades especiais...”
27. Nupromadi-bio: compartilhando experiências sobre o processo de implementação de uma plataforma de pesquisa para o desenvolvimento de métodos didáticos no ensino de ciências e biologia e difusão científica, tendo como foco ambos, educandos regulares e com necessidades	“Criação de um banco de experimentos no formato de vídeoaulas (com legenda e/ou tradução em LIBRAS), relativo a conteúdos de anos letivos inerentes à Educação Básica; Criação de um glossário digital na forma de aplicativo, contemplando termos específicos em Ciências e

educacionais especiais	Biologia; e Produção de apresentações em slides narradas para fins de aprofundamento e atualização.”
28. Percepções de professores e de alunos videntes e cegos sobre a aprendizagem de genética	“...as percepções de professores e alunos de uma turma mista sobre o processo de ensino-aprendizagem de genética foram investigadas.”
29. Recurso educacional inclusivo para o ensino de conceitos de herança genética	“O material didático apresentado é um kit elaborado na perspectiva de ensino inclusivo para introdução de conceitos básicos sobre herança genética, tais como características discretas e contínuas, fatores hereditários, cruzamentos, união ao acaso, fenótipo, genótipo, homozigose, heterozigose, dominância e recessividade.”
30. Ver ou não ver? Esta não é a questão! Aprendendo herança genética	“Neste estudo, buscou-se investigar o processo de ensino-aprendizagem de genética, em turmas mistas com aluno cego incluído.”
31. Introdução do aluno surdo e ouvinte ao laboratório de biociências	“...o objetivo deste projeto consiste em contribuir para a promoção de uma Educação Científica Inclusiva no âmbito das Disciplinas de Ciências e Biologia, por meio da apresentação dos estudantes ouvintes e surdo, aos equipamentos e vidrarias utilizados nos laboratórios didáticos em nível da Educação Básica. Esta apresentação realiza-se no formato de videoaulas com legenda e/ou tradução em LIBRAS.”
32. Produção de mídias de biociências para estudantes com deficiência auditiva	“...esse trabalho objetiva a produção de videoaulas legendadas e com tradução em LIBRAS de assuntos relativos ao ensino de Biologia, partindo de atividades experimentais.”
33. Proposta de material adaptado para deficientes visuais: sistema digestório	“...tem por objetivo apresentar uma proposta de material adaptado para o ensino de anatomia e fisiologia do sistema digestório humano.”
34. Desenvolvimento de estratégias e recursos didáticos para promoção de educação inclusiva de estudantes surdos e cegos no âmbito do ensino de Biologia	“Objetivou-se neste trabalho (1) a produção de uma sequência didática relacionada ao tema Membrana Plasmática, tendo como elemento desencadeador das aulas, modelos bi e tridimensionais produzidos com a participação de alunos cegos (...); (2) produção de videoaulas com tradução em LIBRAS, auxiliada por uma aluna surda, sobre operação dos principais equipamentos e vidrarias utilizados em laboratórios de biologia (...); (3) produção de um protótipo de glossário na forma de aplicativo para <i>tablets</i> , acionado por comando de voz, contendo termos científicos inerentes aos conteúdos de Ciências e Biologia...”
35. Produção de videoaulas com tradução em libras como recursos didáticos suplementares à promoção de inclusão e alfabetização científica de estudantes surdos	“...são propostas neste trabalho duas ações que objetivam a geração de suplementos de consultas para estudo continuado ou orientação aos intérpretes quantos aos conteúdos específicos. A primeira ação refere-se à produção de videoaulas com tradução em LIBRAS, protagonizada por uma aluna surda, sobre operação dos principais equipamentos e vidrarias utilizados em laboratórios de biologia (...). A segunda ação refere-se à produção de videoaulas traduzidas em LIBRAS por um profissional intérprete, referentes a experimentos sobre a temática água...”

36. Proposta de uma sequência didática para o ensino do tema membranas biológicas com utilização de modelos com significação tátil para alunos com deficiência visual	“...foi desenvolvido um trabalho um com repertório de práticas didáticas sobre o tema Membrana Plasmática, utilizando recursos e modelos com significação tátil bi ou tridimensionais como fator mediador e promotor da cognição. Esta sequência didática foi estruturada com o auxílio de duas estudantes com deficiência visual...”
37. Síndrome de Asperger e mídias visuais: como a elaboração de seminários científicos pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais?	“...o presente relato de experiência descreve como a elaboração/apresentação de seminários científicos, a partir da utilização de mídias visuais (...) oportunizou o desenvolvimento de habilidades sociais em um estudante com SA de turma regular do 8º ano do Ensino Fundamental.”
38. Botando as mãos na Ciência: um projeto de integração entre Ciências e Biologia e o NAPNE no Campus Tijuca II	“O presente projeto tem por finalidade fornecer aos profissionais do NAPNE materiais lúdicos diversos que facilitem a concretização do aprendizado de Ciências e Biologia nestes alunos, que apresentam dificuldades em trabalhar com as vertentes abstratas de nossa disciplina.”

Fonte: Disponível em <http://www.cp2.g12.br/blog/propgpec/pos-graduacao/biblioteca/biblioteca-publicacoes/>

Análise e Discussão

Observando o conteúdo dos eventos, nota-se que as ações realizadas pelo Colégio Pedro II vão de encontro às diferentes estratégias pedagógicas utilizadas no campo da Educação Especial e Inclusiva. Cada trabalho se relaciona com temas importantes e necessários para o desenvolvimento de processos educacionais inclusivos, a saber: formação de professores; avaliação e práticas diferenciadas, individualização do ensino, inclusão no mundo do trabalho e habilidades sociais. Dividiremos, portanto, essa seção em cinco subpartes para melhor organizar as reflexões a respeito desses temas.

a) Formação de professores

A formação de professores é um elemento crucial para o melhor entendimento e aplicação das intervenções na educação inclusiva. No entanto, apesar das diretrizes curriculares vigentes, os cursos de licenciatura ainda se debruçam pouco sobre esta temática e, conseqüentemente, a maior parte dos professores formados apresenta baixo conhecimento teórico e prático sobre trabalho pedagógico na diversidade. Esta lacuna na formação acadêmica provoca passividade e insegurança nos docentes quando confrontados com estudantes que apresentam necessidades educacionais específicas. No

caso da instituição em questão, por exemplo, geralmente os professores dependem de orientações do NAPNE e/ou esperam programas de capacitação/aperfeiçoamento da instituição, para muni-los com técnicas e ações diversificadas que os possibilitem atuar com esse alunado.

Conforme indica a tabela, os eventos 2, 3, 4, 8, 12, 13 e 14 e 18 foram formatados diretamente para a classe docente. Neles, os professores tiveram a oportunidade de se aproximar de temas complexos, obtendo, a partir do contato com especialistas, ferramentas para lidar com estudantes com determinadas necessidades específicas. A organização de cursos, palestras, mesas redondas, oficinas e encontros parece demonstrar a iniciativa institucional para a sensibilização do corpo de professores com a temática da inclusão escolar procurando dar-lhes mais subsídios.

Por outro lado, vale questionar se o oferecimento de informações (como palestras, mesas redondas e encontros), por iniciativa da gestão e sem consulta prévia das demandas docentes, é atrativo o suficiente para gerar engajamento e transformação na cultura escolar. Eventos como esses muitas vezes mostram pouca adesão e baixo quorum, sendo subaproveitados pelas equipes de professores.

Menezes e Cruz (2013) apontam que, embora a necessidade de formação de professores para inclusão seja inquestionável, não há consenso sobre que modalidade de formação é mais adequado para desenvolver as habilidades desejadas. Os autores defendem que antes de montar programas ou cursos de formação deve-se procurar conhecer as expectativas e os anseios dos profissionais inseridos em cada contexto, ou seja, fazer o planejamento *com* o docente e não *para* o docente. Para ser eficaz, portanto, a formação precisa se constituir como um processo reflexivo e dialógico, em que o professor se sinta mais seguro em sua prática.

Talvez uma abordagem como esta seja capaz de estimular de forma mais profunda os docentes, fazendo com que se sintam parte do processo de construção de pedagogias diferenciadas para o público com NEE. Organizar eventos baseados nos anseios e dificuldades dos professores de cada *campus* é também uma forma de direcionar os esforços para uma demanda mais específica, contribuindo para que a comunidade escolar esteja integrada em suas práticas educacionais cotidianas.

b) Avaliação e práticas diferenciadas

O período que mobiliza obrigatoriamente os professores a se voltarem aos estudantes com necessidades específicas é a época das avaliações trimestrais. As equipes de professores das diversas disciplinas, seguindo as orientações NAPNE, fazem adaptações nas provas que serão aplicadas, na expectativa de que os alunos sejam capazes de realizá-las. Este é um momento particularmente delicado, já que, frequentemente, os docentes não sabem como proceder diante das especificidades de cada estudante.

Todos esses estudantes, independente da condição, realizam, suas provas no mesmo dia que a turma, porém num horário específico em uma sala separada. Nessa sala, um grupo de professores da disciplina fica disponível para atender às suas dúvidas. Com a intenção de orientar este processo, o NAPNE, anualmente, disponibiliza para os professores uma tabela contendo o nome do estudante, seu diagnóstico clínico e as adequações básicas necessárias que, no geral, envolvem mais tempo para realizar as provas, adaptações de algumas questões e/ou ou mediação direta do professor com o aluno. Como essas diretrizes são genéricas, no final, as avaliações adaptadas acabam, muitas vezes tendo as mesmas questões da prova original, apenas mais simplificadas e/ou com comandos mais diretos e, supostamente, se adequando à necessidade específica do aluno.

A avaliação em Conselho de Classe ao final do ano também é um momento conflitante, pois envolve uma série de questionamentos dos docentes: Estamos avaliando da melhor maneira? Que técnicas usar para cada aluno? É possível aprofundar com o tempo que temos? A realidade é que muitos estudantes são “empurrados” ano a ano para a série seguinte, em um processo informal de aprovação automática, sob o argumento que “não vão render mais”. Esta situação acaba deixando os professores menos pró-ativos no processo ensino aprendizagem destes alunos, uma vez que já sabem que vão passar de ano, mesmo sem o domínio do conteúdo mínimo exigido aos demais.

Seja como for, entre as práticas analisadas, apenas uma (a de número 24) investigava diretamente o processo avaliativo através de adaptações das provas trimestrais do aluno. Quase todos os outros trabalhos demonstraram elaborações de recursos didáticos inovadores ou adaptados (16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27,

29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38) com objetivo de facilitar a apreensão de um conteúdo específico da matéria. Entre os trabalhos citados, apenas um (o de número 28) apontou desdobramentos da prática nos processos avaliativos (provas), em que os estudantes atendidos pelo NAPNE tiveram resultados (o valor das médias trimestrais) similares aos dos demais estudantes.

É possível que a escassez de trabalhos que foquem na avaliação encontre justificativa, por exemplo, na dificuldade de elaborar métodos diferenciados de estimar o desempenho de um estudante com NEE e compartilhá-los com o grupo de professores da turma. Quando a estrutura curricular é segmentada, a divisão das disciplinas não favorece abordagem interdisciplinar e troca de informação sobre os alunos, o que dificulta a troca de experiências e a busca por novas possibilidades de avaliações. Nesse contexto, a existência de uma equipe de Atendimento Educacional Especializado se faz necessária para agregar as ações docentes em conjunto, favorecendo o processo de avaliação (ESTEF e GLAT, 2019). Parece ser uma tendência dos autores falar mais das práticas de ensino e não contextualizá-las com os processos avaliativos. Afinal, como um estudante com NEE deve ser avaliado? Como encontrar uma forma alternativa e customizada de aferir o desenvolvimento acadêmico do aluno? Uma estratégia metodológica que pode ser utilizada é o Plano Educacional Individualizado (PEI), o qual será discutido na próxima seção.

c) Individualização do ensino

Como afirmam Marin e Braun (2013) um dos maiores desafios da inclusão escolar é favorecer o desenvolvimento acadêmico de um estudante com necessidades educacionais específicas inserido em contexto coletivo. Para isso tornar-se viável, as propostas educacionais precisam ser desenhadas na perspectiva de individualização do ensino, considerando a maneira singular de cada um aluno aprender.

A ideia não é excluir o estudante do grupo ou adaptar metodologias para que ele, isolado, possa aprender pontos diferentes dos tratados no momento com a turma. O objetivo central é procurar adequações que possam fazê-lo participar efetivamente das atividades acadêmicas com os demais. Ainda segundo as referidas autoras:

...vale ressaltar que essa ação não tem efeito exclusivo sobre o aluno em processo de inclusão, pois, embora alguma estratégia tenha sido desenhada para responder a uma necessidade individual, pode favorecer a aprendizagem de um grupo e até de uma turma inteira. Por exemplo, um aluno pode precisar

de apoio de imagens ou de objetos concretos para compreender melhor um conceito, por ter surdez ou deficiência intelectual, mas tal adequação acaba favorecendo outros que, ao se apoiarem nos suportes oferecidos, passam a entender melhor o que está sendo ensinado. (MARIN e BRAUN, 2013, p.55)

Entre as alternativas de individualização do ensino, destaca-se a metodologia do Plano Educacional Individualizado (PEI). Segundo Glat, Vianna e Redig (2012), em linhas gerais, o PEI:

trata-se de um planejamento individualizado, periodicamente avaliado e revisado, que considera o aluno em seu nível atual de habilidades, conhecimentos e desenvolvimento, idade cronológica, nível de escolarização já alcançado e objetivos educacionais desejados a curto, médio e longo prazos. Também são levadas em consideração expectativas familiares e as do próprio sujeito. (GLAT, VIANNA e REDIG, 2012, p. 84)

Nesse sentido, a utilização do PEI como estratégia pedagógica cria a oportunidade para se focar nas demandas específicas dos estudantes, objetivando seu desenvolvimento. Esta metodologia também estimula o diálogo entre os professores, o que suscita seu aprimoramento profissional através da troca de experiências (REDIG, MASCARO e DUTRA, 2017).

No recorte feito para presente análise, observamos que nenhum dos eventos ou trabalhos citou explicitamente a elaboração de um PEI como objetivo do estudo. Por outro lado, notamos que algumas publicações seguiam três níveis de planejamento desta metodologia, como sugeridos por Pletsch e Glat, (2013): identificação das necessidades dos alunos; avaliação de seus pontos fortes e fracos; e intervenção a partir dos objetivos propostos. Os trabalhos que estimularam o protagonismo dos alunos na confecção dos recursos (22, 31, 33, 34 e 35); os estudos que propuseram a elaboração de materiais adaptados (16, 17, 18, 19, 20, 38); as pesquisas que criaram vídeos e outras mídias (27, 34, 35) e as investigações com sequências didáticas (36 e 37) são exemplos dessas publicações.

Tais práticas sugerem que possivelmente os professores já possuem experiência, ainda que incipiente, com os requisitos básicos que formam o PEI. No entanto, parece que a sistematização desta metodologia, propriamente dita, não é ainda muito difundida. Também falta maior integração entre as diversas áreas da escola (NAPNE, corpo docente, SOEP - Setor de Orientação Educacional e Pedagógica, Laboratório de Informática, Biblioteca), que juntas poderiam traçar planos individualizados com dados relevantes, capazes proporcionar um ambiente de ensino-aprendizagem mais efetivo para os estudantes com NEE.

d) Inclusão no mundo do trabalho

É comum que alunos do Ensino Médio tenham preocupação com o ingresso na universidade e/ou no mundo do trabalho. Tensões, expectativas e ansiedades costumam ser frequentes nesses estudantes, mas são especialmente intensas naqueles que apresentam NEE. Mesmo que o processo de inclusão educacional seja geralmente complexo, a escola é vista como um espaço de apoio e acolhimento. A saída da instituição amedronta e gera insegurança. No Colégio Pedro II, observamos que os alunos que frequentam o NAPNE, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam consideram a escola como um ambiente de socialização e segurança.

Um dos fatores que contribuem para essa insegurança dos jovens é o fato de a escola não desenvolver ações voltadas para a construção de pontes com o Ensino Superior e o mundo profissional, em geral, campos que exigem habilidades e competências, como autonomia e emancipação. Neste sentido, é importante que a escola inclua em seu projeto político-pedagógico ações que estimulem e exercitem esses elementos tão necessários para o sucesso do aluno na vida adulta.

Analisando, a partir dessa ótica, os eventos e trabalhos listados vimos que alguns deles mostraram-se potentes na construção de independência. Professores e alunos realizam em parceria práticas de elaboração de material didático adaptado, por exemplo. Consideramos que seja uma excelente oportunidade para o exercício do protagonismo do estudante, da tomada de decisão, resolução de problemas e da busca de consenso para questões comuns ao grupo. Projetos de Iniciação Científica no Ensino Médio (evento 6) cumprem bem esse papel, se monitorados e estimulados pelo professor orientador. Os trabalhos de número 22, 31, 33, 34 e 35 também merecem destaque, já que todos (confeção de materiais adaptados e vídeo aulas legendadas em LIBRAS) priorizaram o processo de autoria dos estudantes com deficiência.

O evento de número 7 chama atenção por tratar-se de uma parceria do Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) com o Colégio Pedro II, em que se abriu espaço para estudantes com NEE realizarem estágio supervisionado e se familiarizarem com o mundo do trabalho, proporcionando-lhes capacitação profissional. Já o evento 11 visou ampliar o contrato de universitários pelo colégio, na condição de estagiários, para que estes possam ter experiência em atuação nas diversas áreas administrativas, incluindo a do NAPNE. Julgamos que o contato dos estudantes com o público universitário também

é um caminho para que a sensação de medo e abandono se transforme, aos poucos, em curiosidade e desejo de alcançar essa nova etapa.

Práticas como essas reforçam a defesa de Redig, Mascaro e Carlou (2013) acerca da importância da escola no processo da transição para a vida adulta e na preparação para o mundo do trabalho, sobretudo pelo baixo índice de empregabilidade de pessoas com deficiência. Certamente, para que a inclusão laboral deste público se eleve, a escola terá que, cada vez mais, estabelecer parcerias que fortifiquem a ponte entre educação básica e mundo do trabalho.

e) Habilidades sociais

Dependendo da sua necessidade educacional específica, o aluno terá maior ou menor interatividade com seus colegas ao longo do período escolar. Sujeitos com espectro autista, por exemplo, podem ser excessivamente interativos ou mais introspectivos e passivos; já alunos com transtorno de personalidade podem se apresentar muito instáveis emocionalmente. Estudantes com baixa visão, no geral, tendem a ser pouco interativos em salas muito cheias; e discentes surdos também podem se apresentar pouco integrados pela dificuldade de comunicação. Na realidade, as condições variam de acordo com as características próprias e as histórias de vida de cada estudante. Sendo assim, o planejamento de práticas educativas que visam exercitar as habilidades pré-existentes ou desvendar novas potencialidades desses sujeitos deve partir de um mapeamento cuidadoso de suas capacidades sociais.

Na análise deste aspecto, utilizaremos a definição de Del Prette e Del Prette (2007) *apud* Quitério e Nunes (2013, p.109) sobre habilidades sociais: “diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais”.

De forma direta, podemos citar apenas um trabalho (o de número 37), realizado com um estudante com Síndrome de Asperger, em que se constatou um aumento de interação interpessoal e empatia ao longo de uma atividade em grupo, dividida em quatro momentos com transição gradual entre eles. O trabalho explicita a intenção de investigar as habilidades sociais do aluno em questão. Já os eventos realizados pelo colégio, encontramos alguns (podemos citar os eventos 1, 3, 5, 6 e 12 e 13) que consistem em projetos científicos em grupo, saídas de campos, discussão sobre surdez,

oficinas de libras e português para surdos, contextos estes que promovem interação e a possibilidade de trabalhar habilidades sociais como oralidade, assertividade, positividade e empatia.

Os demais trabalhos e eventos - especialmente aqueles que visaram produzir materiais ou recursos didáticos (19, 20, 22, 31, 33, 34, 35, 36) com o protagonismo dos alunos – parecem ser capazes de levar os participantes a exercitar, em algum grau, habilidades sociais, que as aulas tradicionais expositivas não conseguem promover.

Considerações Finais

Apesar da consolidação há mais de duas décadas da política de inclusão escolar, a maior parte dos professores não possui uma formação sólida em Educação Inclusiva e elabora suas práticas, empiricamente, com o que percebe no decorrer de suas aulas. Essa percepção, por vezes, é superficial, já que, frequentemente, vem acompanhada de uma rotina com carga horária elevada ocorrendo em salas de aula notavelmente cheias. Caso a instituição de ensino possua setores de suporte como um núcleo de inclusão ou orientação educacional, como o NAPNE ou SOEP, o docente tem a oportunidade de receber informações que complementam e aprofundam o conhecimento a respeito dos estudantes com NEE. Esse é o caso do Colégio Pedro II.

Os trabalhos analisados demonstraram que o Colégio fomenta eventos pensados para inclusão e possui professores que, dentro de suas limitações, formatam práticas que proporcionam um ambiente facilitador para aprendizagem destes alunos. Além disso, trabalhos que possuem um determinado objetivo acabam trazendo outros elementos, mais ou menos explícitos, que se somam e são capazes de extrapolar as expectativas. Por exemplo: uma atividade voltada inicialmente para a produção de um modelo de célula pelos alunos envolve também elementos de habilidades sociais, processos avaliativos, individualização de ensino e até mesmo formação de professores.

Para que os professores se mantenham estimulados a concretizar projetos pautados nos princípios da Educação Inclusiva, acreditamos que seja necessária uma atuação propositiva e permanente da instituição. O Colégio Pedro II demonstrou ter esse tipo de postura. Através da análise das matérias divulgadas pelo site, notou-se que, por intermédio do NAPNE, foram organizados eventos voltados para a sensibilização dos docentes sem formação específica para o processo de inclusão escolar. Oficinas, cursos

de pós-graduação e mesas redondas têm como objetivo principal esclarecer questões para o corpo docente, de forma que lhes proporcione maior segurança para atuar em suas práticas educativas. Até mesmo o evento de número 15, em que funcionárias e mães de filhos com NEE tiveram a oportunidade de falar sobre suas rotinas com eles, buscou sensibilizar a comunidade escolar para esta questão.

Assim, corpo docente e gestão quando se incentivam mutuamente são capazes de estabelecer parcerias mais sólidas e de enfrentar desafios que exigem, cada vez mais, olhares diferenciados em suas práticas. Promover a inclusão de estudantes com NEE em um sistema educativo tradicional e excludente é, antes de mais nada, unir esforços com as mais diversas esferas educacionais em uma instituição de ensino e exercitar frequentemente um olhar inovador e diferenciado, essencial para cultura escolar atual.

Referências Bibliográficas

COLÉGIO PEDRO II - **Projeto Político Pedagógico Institucional 2017-2020**, Rio de Janeiro, 2017.

ESTEF, Suzanli.; GLAT, Rosana. Práticas de avaliação do desempenho escolar de alunos com necessidades educacionais especiais no Ensino Fundamental. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2019, Fortaleza. **VI CONEDU - Avaliação: Processo e Políticas**. Fortaleza: Realize Eventos e Editora, 2019. v. 1. p. 1-19.

GLAT, Rosana.; VIANNA, Márcia Marin; REDIG, Annie Gomes. Plano Educacional Individualizado: uma estratégia a ser construída no processo de formação docente. **Revista Universidade Rural**. Serie Ciências Humanas, v. 34, p. 108-129, 2012.

MARIN, Márcia; BRAUN, Patrícia. Ensino colaborativo como prática de inclusão escolar. In: GLAT, Rosana.; PLETSCHE, Márcia Denise (Orgs). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 49-64, 2013.

MENEZES, Adriana; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Estratégias de formação de professores para a inclusão escolar de alunos com autismo. In: GLAT, Rosana;

PLETSCH, Márcia Denise (Orgs). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 127-142, 2013.

PLETSCH, Márcia Denise; GLAT, Rosana. Plano Educacional Individualizado (PEI): um diálogo entre práticas curriculares e processos de avaliação escolar. In: GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise (Orgs). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 17-32, 2013.

QUITÉRIO, Patrícia Lorena.; NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula. Desenvolvimento de habilidades sociais de futuros professores no processo de inclusão de alunos com deficiência. In: GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise (Orgs). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 107-125, 2013.

REDIG, Annie Gomes; MASCARO, Cristina Angélica Aquino de Carvalho; CARLOU, Amanda. Inclusão no trabalho de pessoas com necessidades educacionais especiais. In: GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise. (Orgs). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 157-173, 2013.

REDIG, Annie Gomes; MASCARO, Cristina Angélica Aquino de Carvalho; DUTRA, F. B. A formação continuada do professor para a inclusão e o plano educacional individualizado: uma estratégia formativa? **Diálogos e perspectivas em educação especial**, v. 4, p. 33-44, 2017.